

A RECONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS SOCIAIS SAGRADOS: POR UM ORGANIZAR DO DIVINO

Caroline Nayara Marilac Flôr¹

Publicado em 2024, o livro *Religião e Organizações* trabalha sob uma perspectiva enriquecedora, abordando debates em torno de um dos fenômenos organizacionais mais emblemáticos que regem a sociedade mundial: a religião. O livro apresenta uma agenda provocativa, com discussões ricas entre 13 autores de distintas universidades brasileiras, a respeito das questões relativas a um agir e uma certa identidade simbólica religiosa. No mesmo percurso de simbolismo, a religião se constrói e se estabelece por meio de uma materialidade que influencia a sociabilidade do outro. Apresentar e debater a temática sob a ótica dos Estudos Organizacionais pode ocorrer certa aversão de campos de conhecimento das ciências sociais que trabalham com a religiosidade sob suas perspectivas.

Todavia, o livro justamente enseja perspectivas analíticas, desconstruindo as possibilidades de que o campo dos estudos organizacionais se restrinja ao conhecimento instrumental/técnico e, por si, ortodoxo. Em oposição, os autores estão interessados em organizações modernas que se estabelecem pela articulação do divino em sociedade, ou seja, com as complexidades das inter-relações são (re)estabelecidas no que diz a respeito ao fenômeno religioso e à

¹ Doutoranda em Administração (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). <http://lattes.cnpq.br/4884285599512130>. <https://orcid.org/0000-0001-5817-1206>. carolinemariflor@gmail.com. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.



realidade organizacional pela qual ela se insere. A partir dessa dimensão, como afirmam os autores (Enoque, Saraiva & Honorato, 2024), está o *homo religiosus*, intrinsecamente relacionado ao *homo organizacional* e vice-versa, pautando, assim, um seguimento difuso e plural, com ressalvas a um organizar instrumental e direcionado.

Pensar modernidade é pensar qualquer contexto que tenha passado por experiência colonial, sendo assim, a modernidade também se estabeleceu pelo fenômeno religioso, sendo estruturante e estruturada. Em um campo de restrições, restrições essas que subscrevem por meio da visão teológica e colonial, se assenta no corpo social, ou em determinados corpos diferindo uns de outros como salvos e não salvos. Pela construção de um aporte sócio-histórico, a religião pertence ao cenário religioso eclesiástico que demanda estruturas e hierarquias. A religiosidade sai de seus templos e passa a operar na sociedade em suas múltiplas dimensões. Essa ação perpassa por uma instrumentalização de sujeitos instaurada por uma pedagogia de separações e docilização de corpos. Assim, as organizações religiosas operam não só como centros de fé, mas também como organizações que gerenciam recursos, pessoas e projetos.

Ademais, o livro possibilita a quebra de paradigmas locais que limitam os saberes ao cerne teológico. Dessa forma, ele defende a pesquisa científica em sua transversalidade, demonstrando que a relação entre religião e estudos organizacionais se faz capaz. Adotando uma perspectiva global, na qual esses saberes se tornam multissituados, busca-se compreender a construção das estruturas cognitivas que o indivíduo elabora ao longo do seu desenvolvimento. Assim, o debate se desenvolve por meio de tecnologias de ascensão religiosa, permitindo ao leitor transitar por dimensões sócio-organizacionais religiosas, estudadas e analisadas pela ótica organizacional. O livro é organizado em três eixos, que podem ser compreendidos com um organizar de diferentes perspectivas religiosas, mas que subscrevem, ressignificam e transcendem a

maneira como se exerce a religiosidade como um campo organizacional, sob o prisma de discernir como o divino é organizado.

O *Primeiro Eixo*, dividido em três capítulos, analisa como os discursos, dispositivos e as inter-relações com as duas religiões de maior visibilidade e aceitação de uma sociedade que se diz laica – a pentecostal e o cristianismo – empreendem uma normatização organizacional religiosa que dociliza corpos, submetendo-os a uma relação de salvamento do sujeito pelo espírito, mas dentro de parâmetros humanos de regulação. Podemos observar como o ato de catequizar o outro ensina e produz, de modo que uma pedagogia política da religião permite ao sujeito acessar certa “liberdade”. Além disso, há um referencial teológico nesse organizar que, de alguma maneira, opera por meio de dispositivos para promover uma ascensão social, necessariamente acompanhada de consumo, para promover uma ascensão religiosa.

No primeiro capítulo, intitulado “*Deus é capaz de perdoar qualquer um, não importa se seu crime é grave*”: discurso religioso e a produção de subjetividades na prisão” de Clara Luísa Oliveira Silva e Luiz Alex Silva Saraiva, a pesquisa se baseia em um estudo de caso em uma unidade feminina do Centro de Reintegração Social Franz de Castro Holzwarth da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC), na cidade de Itaúna, no interior de Minas Gerais. As presas são “indiciadas” em uma evangelização para sua salvação, que se inicia dentro da prisão, de modo que, ao cumprirem sua pena, estejam prontas para o “mundo” como ressocializadas. De acordo com os autores, “a religião independentemente de qual seja, torna-se uma estratégia calculada pela equipe dirigente a fim de tornar mais dóceis os sujeitos que vivem na prisão afastados do convívio social mais amplo” (Silva & Saraiva, 2024, p. 22).

Adentramos, então, em uma compreensão de como os sujeitos em convívio social no sentido da prisão, se mantêm em uma dinâmica de sociabilidade que é subsidiada por elementos que restringem o corpo e, que ao mesmo tempo,

estabelecem um discurso de libertação da alma pela submissão eclesiástica. O discurso da salvação estabelece uma prisão cognitiva para além da materialidade, em sua especificidade, a religião se exerce não apenas no psicológico, mas também por meio de normas que colocam a religião a serviço da gestão. Desenvolvendo-se, assim, outras possibilidades de adequações para a inserção na sociedade. As disputas de narrativas religiosas também permeiam por outros *ethos* de cultura religiosa, onde as pessoas possam “se salvar”. Este primeiro eixo nos apresenta mais duas perspectivas de captação e desenvolvimento dessas almas, que passam por tecnologias da comunicação e do consumo da palavra bíblica. Observamos um acompanhar do desenvolvimento da sociedade e sua heterogeneidade social, que também perpassa por um organizar religioso.

No segundo capítulo, intitulado *Mídias digitais, ministérios pentecostais e autoridade religiosa: perspectivas emergentes sobre novas institucionalidades* escrito pelas autoras Carly Barboza Machado, Lorena Mochel Reis e Mariana Magalhães Pinto Côrtes, a leitura nos conduz a um trabalho de campo de onde um casal de pastores negros pentecostais, que transita entre periferia do Rio de Janeiro e de Minas Gérias, possui seguidoras que se intitulam “Mulheres Virtuosas” entre grupos de WhatsApp. O estudo consagra a autoridade religiosa para além das paredes dos templos, mas também entre essas instituições. O “entre” está acoplado no conceito de autoridade religiosa e de como o uso de diferentes mídias digitais, incluindo o WhatsApp se configura como um pentecostal tecnológico. Essa ação modifica os modos de exercício da fé e da autoridade religiosa estabelecidos historicamente.

As novas mídias vêm apresentando dinâmicas de copresença nesses espaços, no sentido de flexibilizar a evangelização por meio desses métodos, tornando-se uma forma de gestão alternativa pelo divino. A institucionalidade não formal de mídias possibilita mais encontros, mais acessos e um maior controle na disseminação da palavra bíblica. Vemos uma igreja que realmente produz toda a materialidade da subsistência, ou seja, das alianças, legitimando-se pelo processo da subsistência

por meio de plataformas digitais. Consequentemente, mais pessoas, e, em particular, mais sujeitos anônimos que não possuem um cargo regulamentar nas instituições das igrejas, onde a entrada na carreira sacerdotal exigia necessariamente um extenso período de formação em seminários ou escolas de teologia. As redes sociais se tornam ferramentas para a disseminação desses discursos de autoridades e interdição da fala religiosa, ao pontuar que esse processo de hierarquia das falas se exerce massivamente pelas redes sociais por uma conversão cibernética de seus fiéis e a captação de novos adeptos, segundo Machado, Reis & Côrtes (2024).

Nesse exercício de como as organizações religiosas se desenvolvem processualmente, é preciso pensar em um movimento de instrumentalização de sujeitos, instaurando uma pedagogia de separações e docilização dos corpos. Nesse contexto, a leitura do livro nos permite compreender que há certa sofisticação de consumo ao agregar a heterogeneidade que subscreve a sociedade, abrangendo pessoas, grupos identitários de uma cultura e pertencente a um espaço social e territórios. No terceiro capítulo, intitulado *“Entre a prancha de surf e o céu: territorialização e identidade na Bola de Neve Church”*, escrito por Juliana Dantas de Souza Lopes e Luiz Alex Silva Saraiva. o estudo reflete uma organização religiosa neopentecostal pós-moderna que possui uma dinâmica de agrega fiéis pelo contexto simbólico de grupos sociais reconhecidos pela igreja Bola de Neve. Seus fiéis são um público diferenciado do esperado geralmente, sendo eles surfistas e skatistas. A sofisticação reside nas maneiras pelas quais a religião é compreendida por seus adeptos como um sistema de símbolos que a qualifica como um lugar de consumo por meio do “sagrado”. Assim, dentro desse processo de legibilidade religiosa, há uma legibilidade capilar, ou seja, dirigidas às pessoas de dentro, mas, paralelamente, tende-se a produzir essa legibilidade para quem está de fora, ou seja, para públicos diversos. Desta forma, encerra-se o primeiro eixo do livro, que realiza uma análise de como as organizações religiosas, especialmente as pentecostais, produzem sujeitos e grupos pautados em uma

religião que categoriza e enclausura simbolicamente, principalmente quando se trata de organizações hegemônicas.

No *Segundo Eixo* do livro, encontramos capítulos que em atos de resistências, ressignificam o campo de organizações religiosas de matriz africana, que historicamente sofrem com a segregação não tão só religiosa, mas também com a produção e manutenção de uma não sociabilidade pautada no racial. A resistência que emerge é permeada por alguns marcadores sociais da diferença como a própria religiosidade africana, raça e gênero. É notório como a organização do sagrado nesse eixo acentua significativamente a questão de gênero na religião. No quarto capítulo, intitulado *“Meu quilombo, minhas crenças: memórias e vivência em comunidade quilombola de Belo Horizonte”* escrito por Elizangela de Jesus Furtado da Silva e Luiz Alex Silva Saraiva, destaca-se um texto que subverte a negatividade que está instaurada em narrativas violentas sobre a população negra e integra memórias e significados sobre uma comunidade quilombola chamada Luizes, localizada na cidade de Belo Horizonte.

O exercício da religião no quilombo está presente nas memórias, com nuances históricas pautadas em uma certa “liberdade” de crenças, onde as pessoas que viviam ali tinham o catolicismo em suas redes de vivências. No entanto, essa liberdade foi tensionada por um falso sincretismo religioso imposto pelo cristianismo, o qual, ao longo do tempo é questionado. Observamos como essa organização pelo divino desumaniza as pessoas, neste contexto, pessoas negras, substituindo-as pela violência, que, neste caso, se manifesta historicamente pela intolerância religiosa contra as matrizes africanas. Quando essa possibilidade de existência é encarada como (re)existência a partir de um agir negro ancestral, esse significativo de sincretismo é tensionado, pois é nesse movimento que uma organização ancestral denuncia que as religiões não negras não acolhem as diferenças.

O quinto capítulo do livro nos apresenta outra organização religiosa, partindo de um organizar de pessoas negras que se direciona a uma das festas negras mais populares, que acontece em várias regiões do país. O capítulo, intitulado *“Interseccionalidades na Festa da Congada: compreendendo religiosidades no organizar de mulheres negras”*, escrito por Lorrana Laila Silva de Almeida e Josiane Silva de Oliveira realiza um estudo no interior de Goiás no município de Catalão, apresentando a Festa da Congada, uma prática cultural festiva e um sentir sagrado que (re)existindo com aspectos de religiosidade ligados à cultura africana e atravessamentos pautados no agir de mulheres negras. O debate que promovido pelo capítulo levanta reflexões importantes, principalmente a maneira pela qual mulheres negras se movimentam e passam a ocupar espaços que, historicamente foram ocupados por homens. Vemos que a raça surge primeiramente como uma categoria social de hierarquização, mas a violência de gênero também ocupa um lugar dentro da racialização.

Outro aspecto é como irmandade religiosa reflete o processo sócio-histórico de resistência da população negra frente ao catolicismo. E para além, a forma de organização em prol da subsistência, presente nas comunidades de matriz africana brasileira vivenciadas nesta festa, celebra as formas pelas quais os corpos abjetos passaram a integrar a sociedade, que são observáveis pela integração da cultura afro e o cristianismo.

A obra oferece ao leitor uma visão crítica das bases do conhecimento ortodoxo, contrastando-as com outras perspectivas epistemológicas que subvertem o pensamento dominantes sobre as religiões afro-brasileiras, as quais abrigam saberes ancestrais, considerados subalternos. Nesse contexto, o sexto capítulo, intitulado *“Pensar e viver a água em Òsun: por uma abordagem Osúnista em Estudos Organizacionais”* escrito por Renan Gomes de Moura, abre uma discussão valiosa sobre saberes condicionados e oriundos de terreiros religiosos que centralizam na mulher negra e por ela são transmitidos. A partir de uma perspectiva *organizing* que possibilita uma visão processual das organizações

religiosas, especialmente de matriz africana, o capítulo evidencia as mulheres como começo, meio e fim desse processo, valorizando o conhecimento não apenas dentro dos terreiros, mas como uma cosmovisão do saber.

Trabalhando a partir de uma perspectiva do conhecimento afrocêntrico e, paralelamente, por uma ótica pluralista por meio dos estudos organizacionais, explora-se a possibilidade de não rejeitar outras epistemes, construindo elos reflexivos sobre onde estamos e para onde podemos ir. Isso se diferencia de uma perspectiva eurocêntrica, que homogeneiza sociedade, saberes e culturas, excluindo assim identidades e diferenças. O agir organizacional que se estabelece nesse contexto religioso propõe um campo de conhecimento gerado por entidades africanas, que possibilita uma cosmovisão teórica baseada nos caminhos da diáspora africana. O *Terceiro Eixo* finaliza o livro com a análise de como a religiosidade se desenvolve no campo do turismo, levando o consumo religioso para outras instâncias, como o desenvolvimento de um território religioso por meio dinâmica social. Ou seja, a questão não é ser ou não religioso, mas sim interagir com as manifestações do lugar.

As organizações religiosas discutidas nos últimos capítulos do livro apresentam construções ideológicas de mercantilização da religiosidade a partir da divindade. Observa-se também a aproximação dos saberes de povos indígenas, que são reconfigurados pelo turismo medicinal ao mesmo tempo que ocorre a relocação desses saberes. No sétimo capítulo, intitulado *“Território de grande densidade religiosa e turismo: diálogos e silêncio entre religiões no sudoeste Norte-Americano e Noroeste Argentino”*, escrito por Siegrid Guillaumon Dechandt, o turismo é apresentado como uma atividade econômica que, em grande medida, promove uma dinâmica social responsável por fomentar o contato entre indivíduos “estrangeiros” em uma matriz religiosa, dentro de um espectro de consumo cultural turístico (p.185). O turismo inserido no sagrado produz experiências étnicas pela atração do exótico, o que difere do “eu” me possibilita outro olhar,

mesmo que um deslocamento temporário, e a possibilidade de um enquadramento social, visto como campo de “turistar” o “outro”.

Ao migrarmos para o último capítulo do livro, que também a temática turismo em terras indígenas sob aporte da religiosidade, mais precisamente o xamânico, encontramos uma discussão centrada na experiência medicinal indígena. No entanto, há um desenvolvimento mais profundo sobre a maneira pela qual os indígenas não valorizados na disseminação de conhecimento. No capítulo intitulado “*Turismo Xamânico, religiões Ayahuasqueiras e circuito urbano da Ayahuasca: entrelaçamentos*”, escrito por Bruno Eduardo Freitas Honorato, o autor apresenta etnodesenvolvimento por meio de uma reflexão sobre as transformações culturais pelas quais os indígenas passam. Ele discute a figura dos “religiosos ayahuasqueiros”, oferecendo um panorama dos estudos sobre turismo xamânico, e propondo novas possibilidades de pesquisa que surgem como percursos investigativos para os Estudos Organizacionais. Além do contexto medicinal, há um discurso importante pelo qual estabelece uma dinâmica indígena, voltada para o saber. Esses que foram negligenciados por uma ciência pautada no posicionamento universalista e eurocêntrico, dada a colonização. Ao questionarmos essas práticas de universalização do pensamento no campo da administração, é pertinente que os Estudos Organizacionais apontem para um campo multidisciplinar que busque (re)construir experiências historicamente excluídas.

O livro *Religião e Organização* realiza um potente debate ao apresentar as ramificações religiosas que moldam a sociedade contemporânea, destacando como as organizações religiosas, sendo múltiplas, organizam um agir e um administrar por meio do divino, indo além dos templos. As relações que se baseiam nas religiões são complexas, e, seja qual for a religião, esta funciona como um instrumento de poder. As questões sociais e étnicas que permeiam o campo da religiosidade são difusas, mas ao mesmo tempo administradas e reconhecidas como um campo que coexiste em uma relação, em outras palavras, a religiosidade

é relacional. No reconhecimento dessa relacionalidade, a sociedade religiosa se insere em uma relação colonial. Mesmo sob aspectos culturais que são respaldados também por uma mercantilização e sociabilidade, há ainda uma esfera complexa que permite existência pela categoria social religião.

REFERÊNCIAS

Enoque, Alessandro G., Saraiva, Luiz Alex S., & Honorato, Bruno E. F. (2024). Religião e organizações. In Alessandro G. Enoque, Luiz Alex S. Saraiva, & Bruno E. F. Honorato (Orgs.). *Religião e organizações* (pp. 7-14). São Paulo: Hucitec.

Machado, Carly, B., Reis, Lorena M., & Côrtes, Mariana M. P. (2024). Mídias digitais, ministérios pentecostais e autoridade religiosa: perspectivas emergentes sobre novas institucionalidades. In Alessandro G. Enoque, Luiz Alex S. Saraiva, & Bruno E. F. Honorato (Orgs.). *Religião e organizações* (pp. 42-68). São Paulo: Hucitec.

Silva, Clara L. O. & Saraiva, Luiz Alex S. (2024). “Deus é capaz de perdoar qualquer um, não importa se seu crime é grave”: discurso religioso e a produção de subjetividades na prisão. In Alessandro G. Enoque, Luiz Alex S. Saraiva, & Bruno E. F. Honorato (Orgs.). *Religião e organizações* (pp. 17-41). São Paulo: Hucitec.

A RECONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS SOCIAIS SAGRADOS: POR UM ORGANIZAR DO DIVINO

Resumo

Esta resenha aborda o livro *Religião e Organizações*, que explora as ramificações religiosas que moldam a sociedade contemporânea. O livro destaca como as organizações religiosas, em sua multiplicidade, organizam práticas e modos de gestão orientados pelo divino, estendendo sua influência além dos templos tradicionais. A obra apresenta uma agenda provocativa, reunindo discussões ricas entre 13 autores de diferentes universidades brasileiras, que abordam questões relativas ao agir e à identidade simbólica religiosa. Apresentar e debater essa temática sob a ótica dos Estudos Organizacionais pode gerar certa resistência em campos das ciências sociais que abordam a religiosidade a partir de suas próprias perspectivas. No entanto, o livro se propõe justamente a oferecer novas perspectivas analíticas, desconstruindo a visão de que os estudos organizacionais devem se limitar a um conhecimento instrumental, técnico e, portanto, ortodoxo. A obra é atravessada por uma metodologia que busca desconstruir conhecimentos, ao mesmo tempo em que promove a transversalidade do saber.

Palavras-chave

Espaços sociais. Estudos organizacionais. Religião.

LA RECONFIGURACIÓN DE LOS ESPACIOS SOCIALES SAGRADOS: HACIA UNA ORGANIZACIÓN DE LO DIVINO

Resumen

Esta reseña aborda el libro *Religión y Organizaciones*, que explora las ramificaciones religiosas que moldean la sociedad contemporánea. El libro destaca cómo las organizaciones religiosas, en su multiplicidad, organizan prácticas y estilos de gestión orientados por lo divino, extendiendo su influencia más allá de los templos tradicionales. La obra presenta una agenda provocadora, reuniendo discusiones enriquecedoras de 13 autores de diferentes universidades brasileñas, que abordan cuestiones relacionadas con la acción religiosa y la identidad simbólica. Presentar y discutir este tema desde la perspectiva de los Estudios Organizacionales puede generar cierta resistencia en campos de las ciencias sociales que examinan la religiosidad desde sus propias perspectivas. Sin embargo, el libro busca ofrecer nuevas perspectivas analíticas, deconstruyendo la visión de que los estudios organizacionales deben limitarse a un conocimiento instrumental, técnico y, por lo tanto, ortodoxo. La obra está atravesada por una metodología que busca deconstruir conocimientos, al mismo tiempo que promueve la transversalidad del saber.

Palabras clave

Espacios Sociales. Estudios organizacionales. Religión.

THE RECONFIGURATION OF SACRED SOCIAL SPACES: TOWARDS AN ORGANIZATION OF THE DIVINE

Abstract

This review addresses the book *Religion and Organizations*, which explores the religious ramifications shaping contemporary society. The book highlights how religious organizations, in their multiplicity, organize practices and management styles oriented by the divine, extending their influence beyond traditional temples. The work presents a provocative agenda, bringing together rich discussions from 13 authors from different Brazilian universities, who address issues related to religious action and symbolic identity. Presenting and discussing this theme from the perspective of Organizational Studies may generate some resistance in social science fields that examine religiosity from their own perspectives. However, the book aims to offer new analytical perspectives, deconstructing the view that organizational studies should be limited to instrumental, technical, and thus orthodox knowledge. The work is permeated by a methodology that seeks to deconstruct knowledge while promoting the transversality of understanding.

Keywords

Social spaces. Organizational studies. Religion.

CONTRIBUIÇÃO

Caroline Nayara Marilac Flôr

A autora declara ser a única responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

A autora declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A autora declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos que viabilizou a realização do estudo a partir do qual os dados desta contribuição foram obtidos.

COMO CITAR

Flôr, Caroline N. M. (2024). A reconfiguração dos espaços sociais sagrados: por um organizar do divino. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 11(32), 1077-1090.